



**Como as animações de longa-metragem têm acompanhado a discussão em torno dos direitos animais: um estudo a partir de *Bee Movie* e *Fuga das Galinhas*<sup>1</sup>**

*How the animated feature movies have followed the debate around animal rights: a study from *Bee Movie* and *Chicken's Run**

**Tânia Regina Vizachri <sup>[a]</sup>**  
**Luís Paulo de Carvalho Piassi <sup>[b]</sup>**

<sup>[a]</sup> Mestre, Programa de Pós-graduação em Estudos Culturais — EACH — USP,  
*e-mail*: taniarvizachri@gmail.com

<sup>[b]</sup> Doutor, Professor Livre-Docente, Programa de Pós-graduação em Estudos Culturais — EACH — USP, *e-mail*: lppiassi@usp.br

---

1 Este artigo foi apresentado no XIX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, no DT 6 – Interfaces Comunicacionais, realizado de 22 a 24 de maio de 2014 em Vitória — ES.

## Resumo

As discussões em torno da extensão de alguns direitos básicos às outras espécies de animais têm se ampliado na nossa sociedade e, portanto, causado diversas polêmicas. As mídias, dentre elas os filmes de animação infantil, têm acompanhado essas mudanças tanto do ponto de vista quantitativo, pois houve um aumento na produção de animações com essa temática, quanto qualitativo, pois esses filmes têm retratado de forma mais fidedigna os animais, assim como explorado diversas vertentes do problema. Entretanto, as soluções apresentadas por essas mídias nem sempre estão de acordo entre si. Para exemplificarmos a dimensão do problema e a diversidade de soluções propostas nessas animações, utilizaremos nesse artigo duas animações que tratam do problema de consumo de animais: *Fuga das Galinhas* e *Bee Movie*.

**Palavras-chave:** Animação. Representação. Direitos Animais.

## Abstract

*The raising discussions about extending some basic rights to other species had widespread in our society and it has promoted several debates. The media, mainly the animated movies, has followed this themes. From quantitative point of view there was a raising production of movies with this issue. From qualitative point of view these animations are picturing the animals more real, as well as exploring several aspects of this problem. However, the solutions presents in these animations not always according between them. To exemplify this discussion about the diversity of solutions proposals for these films, we will use two animated pictures that are dealing about the animal consumption: *Chicken's Run* and *Bee Movie*.*

**Keywords:** *Animated movies. Representation. Animal Rights.*

---

## Introdução

Dentro do que chamamos de filosofia ocidental, houve pensadores que defenderam a possibilidade de concessão dos direitos humanos estendidos aos animais. Embora suas ideias estivessem além do seu tempo, viviam dentro de seu contexto e defendiam os animais no limite de suas possibilidades. Jeremy Bentham, filósofo britânico do séc. XVIII, escreveu *Uma Introdução aos Princípios da Moral e da Legislação* e foi um dentre outros que se tornaram referência nessa reflexão. Para ele, o argumento de que os humanos devem ter mais direitos que os

animais em virtude de serem dotados de razão não poderia ser um critério para definir quem possui direitos, pois nesse caso igualmente os bebês e as pessoas com necessidades especiais teriam seus direitos suprimidos (BENTHAM, 1979). Bentham também especulou que “talvez chegue o dia em que o restante da criação animal venha a adquirir os direitos dos quais jamais poderiam ter sido privados, a não ser pela mão da tirania” (BENTHAM, 1979). Henry Salt, reformista britânico que formou a Liga Humanitária com o objetivo de banir a caça como esporte, publicou, em 1892, *Animals’ Rights: Considered in Relation to Social Progress*, apresentando o conceito de direitos animais. Entretanto, é na década de 1970 que a discussão começa a tomar fôlego entre os mais diversos pensadores, tendo seu início na Universidade de Oxford. Ainda em 1970, o psicólogo Richard D. Ryder cunhou o termo “especismo”, conforme explicado por ele no texto *All beings that feel pain deserve human rights*, publicado em 2005 pelo jornal *The Guardian*. Influenciado por tal conceito criado em 1970, Peter Singer, filósofo australiano que se tornou referência na área de direitos animais, escreveu sua obra mais famosa sobre o tema e que até hoje é referência entre os pensadores da área: *Libertação Animal*, publicada originalmente em 1975. Em 1978, também é proclamada em assembleia, pela Unesco, a Declaração Universal dos Direitos Animais (UNESCO, 1978). A partir da década de 1980, o movimento ganha adeptos das mais diversas disciplinas e, assim, a discussão começa a evoluir e a ganhar novas linhas de pensamento. Após o livro de Tom Regan, *The Case for Animal Rights*, publicado em 1983, surgem novos conceitos como o de “sujeitos-de-uma-vida”<sup>2</sup> e a distinção entre agente e paciente moral<sup>3</sup>. Em 1995, outro filósofo da área, Gary L. Francione, ganha destaque ao escrever *Animals, Property, and the Law* (1995), no qual cria o critério da sciência<sup>4</sup> para definir a inclusão dos seres vivos na esfera dos direitos.

---

2 Sujeito-de-uma-vida diz respeito ao fato de o ser não estar apenas no mundo, mas consciente do mundo e consciente do que acontece com ele. Além do mais, o que acontece com ele – seja aos nossos corpos, à nossa liberdade ou às nossas vidas – importa para ele, porque faz diferença quanto à qualidade e à duração das nossas vidas, conforme experimentadas por nós, quer os outros se importem com isso, quer não. Quaisquer que sejam nossas diferenças, essas são nossas semelhanças fundamentais (REGAN, 2006, p. 60).

3 Agente moral diz respeito àqueles que são capazes de raciocinar, de decidir sobre as atitudes que são corretas ou não, portanto, são capazes e responsáveis por tomarem atitudes morais, enquanto paciente moral refere-se aos seres que, embora sejam incapazes de tomar decisões morais, são afetados pelas decisões que os agentes morais julgam corretas ou não, portanto, devem ser motivo de consideração destes.

4 Sciência é a capacidade de “organismos vivos que não apenas apresentam reações orgânicas ou físico-químicas aos processos que afetam o seu corpo (sensibilidade), mas, além dessas reações, possuem um acompanhamento no sentido em que essas reações são percebidas como estados mentais positivos ou negativos. É, portanto, um indício de que existe um eu que vivencia e experimenta as sensações. É o que diferencia indivíduos vivos de meras coisas vivas”. Disponível em: <<http://www.anda.jor.br/10/06/2009/sciencia>>. Acesso em: 22 abr. 2014 às 15h50.

Daí em diante, cada vez mais a discussão ganha adeptos no ambiente acadêmico dentro das mais distintas áreas, dando origem aos chamados *Animal Studies*, cujo objetivo é pensar as relações entre vivos humanos e não humanos.

As mídias têm acompanhado essas mudanças. A antropóloga Nádia Farage também percebe que está havendo mudanças na forma de representar os animais nas animações e as atribui a uma maior sensibilização com os animais trazida pelos movimentos de libertação animal. O artigo de Suppia e Medeiros (2011) parafraseia a opinião da antropóloga Nádia Farage, em que ela aponta que “a inteligibilidade e recepção dos filmes (...) encontra-se na disseminação das teses levantadas pelos movimentos de libertação animal, a partir, sobretudo, da publicação da obra de Peter Singer (1975)”. Essas representações são tanto reflexos de nossa mudança cultural quanto produtoras de significados delas. A questão que trazemos neste artigo é: o que tem mudado nessas representações de animais e de nossas relações com eles? Faremos isso, primeiramente, mostrando alguns dados que comprovam o aumento das discussões relativas aos direitos animais nesses filmes. Posteriormente, mostraremos que não houve apenas um aumento quantitativo, mas também uma mudança qualitativa. Para exemplificarmos isso, nos propomos a analisar, segundo alguns elementos da semiótica greimasiana, duas animações de longa-metragem atuais que mostram o quanto essas questões sobre direitos animais apresentam soluções distintas para um mesmo problema.

## Um panorama dos direitos animais nos filmes de animação

Consideramos uma animação tratando da questão ética relativa aos animais quando ela apresenta tanto personagens humanos quanto animais em suas histórias, assim como quando os personagens animais vivenciam algum dilema criado por humanos próximo ao que a espécie representada por tal personagem vivencia na realidade. Com base nesse critério e em nossa análise, nós explicitamos abaixo as animações que podem ou não tratar da ética relativa aos animais.

Apesar de animações, desde o século XX — como *Bambi* (Disney, 1942) e *Dumbo* (Disney, 1941) –, apresentarem discussões relativas à ética na relação humano-animal, é fato que no século XXI vemos um aumento na frequência de filmes que trazem consigo essas questões, que têm se tornado até mais radicais. A Disney, empresa tradicional de animação fundada em 1923, até o ano 2000, produziu apenas quatro filmes que discutiam a questão da ética na relação humano-animal: *Bambi* e *Dumbo* – ambos produzidos no início da década de 1940; *A dama e o vagabundo* (1955) e *101 Dálmatas* (1961). A Disney produziu também outros filmes com animais como personagens principais, entretanto, estes não tratam

diretamente da discussão sobre a relação entre humano-animal, por exemplo: *Aristogatos* (1970), *As aventuras de Bernardo e Bianca* (1977), *O rei leão* (1994), *Vida de inseto* (1998)<sup>5</sup> etc.

Entre os anos 2000 e 2013, temos onze filmes produzidos pela Disney que tratam da relação entre humano e animal: *A dama e o vagabundo II* (2001); *Mogli, o menino lobo 2* (2003); *Procurando Nemo* (2003); *Irmão urso* (2003); *Nem que a vaca tussa* (2004); *Bambi II* (2006); *Bolt* (2008); *Selvagem* (2006); *Irmão urso II* (2006); *Ratatouille* (2007); *Up – altas aventuras* (2009). Entre essas animações de longa-metragem, apenas *Nem que a vaca tussa* e *Bolt* deixam de tratar da questão ética na relação humano-animal. Inclusive, *Nem que a vaca tussa* foi o fracasso da Disney em 2004, perdendo para o filme de sucesso da concorrente DreamWorks, *Shrek* (2004). Stewart (2006, p. 567) relaciona o fracasso de tal filme à tecnologia empregada nele: desenho à mão.

Dentre as animações da Disney citadas acima, três foram feitas em parceria com a Pixar: *Procurando Nemo*, *Ratatouille* e *Up – altas aventuras*. Essas três, inclusive, foram as animações de maior audiência da Pixar, só perdendo para *Toy Story*. A ordem de arrecadação é *Toy Story*, *Procurando Nemo*, *UP – altas aventuras*, *Os incríveis* (2004) e *Ratatouille*. Apesar de *UP* ser uma animação cujo enredo trata de dramas humanos, como a velhice e a urbanização, também traz em sua trama a busca da ciência pelo animal exótico, portanto, podemos dizer que também trata da questão ética.

A DreamWorks Animation tem sua primeira animação de longa-metragem lançada em 1998, *FormiguinhaZ*, que, apesar de tratar de animais, não discute a ética na relação humano-animal, pois trata de dilemas próprios dos animais e não de conflitos entre humanos e animais. De 2000 até 2013, esse mesmo estúdio lança, no total, nove animações que discutem a ética relativa aos animais. São eles: *A Fuga das Galinhas* (2000), seguido por *Spirit – o corcel indomável* (2002), *Wallace e Gromit – a batalha dos vegetais* (2005), *Madagascar* (2005), *Os sem-floresta* (2006), *Por água abaixo* (2006), *Bee Movie* (2007), *Madagascar 2* (2008), *Madagascar 3* (2012). Dentre essas, *Madagascar* é a líder em bilheteria, perdendo apenas para *Shrek*.

Blue Sky é uma produtora mais recente que a DreamWorks, tendo lançado sua primeira animação de longa-metragem em 2000, *A era do gelo*<sup>6</sup>. Sua segunda

---

5 Apesar de *Aristogatos* ter em seu enredo um problema ente humanos e animais, não é um filme que trata da ética nessa relação. A história se passa com gatos que seriam os herdeiros de uma senhora, tentando ter acesso a essa herança cujo mordomo roubou deles. *Bernardo e Bianca* também não apresenta a discussão ética. É uma história em que um casal de ratos tenta descobrir o mistério do desaparecimento de uma garota. *O rei leão* e *Vida de inseto* retratam dilemas humanos vividos entre os animais.

animação de sucesso, *Rio* (2011), é a única que discute a relação ética entre humanos e animais.

Assim, enquanto no século XX havia apenas quatro filmes que discutiam a questão da ética entre humanos e animais, sendo todos da Disney, nos treze primeiros anos do século XXI vemos dezenove animações de quatro estúdios diferentes que tratam dessa relação ética entre humanos e animais. Dentre esses estúdios, a Disney e a DreamWorks são as que mais apresentam a temática ética, com nove filmes cada. A Pixar, embora explore bastante o recurso da antropomorfização, produziu apenas três filmes que possibilitam a discussão ética. E a Blue Sky apenas um. Podemos observar, então, que houve um crescimento quantitativo de produções sobre a temática que tem se tornado cada vez mais frequente em todos os setores sociais. Todavia, o sucesso da Pixar, após 1995, levou a um aumento da concorrência entre os estúdios, aumentando, assim, o número de temáticas parecidas nas animações (DENIS, 2010). Entretanto, é só observarmos a Disney para vermos que mesmo a produção de uma mesma empresa teve um aumento significativo no século XXI.

Não obstante, podemos afirmar que não ocorreu apenas um aumento quantitativo na temática da ética animal nas animações de longa-metragem, também houve um aumento qualitativo. Randy Malamoud, em seu artigo *Animal Animated Discourse* (2007), constata que a representação dos animais nos desenhos animados tem mudado e se tornando mais fidedigna ao que é o animal. Eunice Kindel (2007), em sua tese de doutoramento, destaca que apesar de personagens animais serem muito comuns na década de 1970 – como Mickey, por exemplo –, “o que os diferencia dos desenhos atuais são os cenários que, nos desenhos produzidos a partir da década de 90, retratam a natureza com uma perfeição antes jamais imaginada” (KINDEL, 2007, p. 227). Podemos dizer que isso ocorreu tanto devido ao desenvolvimento da tecnologia computadorizada pós *Toy Story* (1995), que tem retratado tudo de forma mais realista, como também devido a uma mudança no olhar do telespectador, que tem se voltado progressivamente à questão de como estamos tratando os animais. Outro detalhe não menos importante é que não apenas a perfeição do retrato mudou, mas também os animais têm sido representados de uma forma mais fiel às suas características físicas, aos seus movimentos e aos seus *habitats*. Além do mais, têm sido representados com uma sensibilidade mais aguçada quanto aos seus desejos e intenções. Se pegarmos a representação do rato, por exemplo, podemos observar uma grande mudança nesse processo. O primeiro rato famoso nas animações foi o Mickey Mouse; o último, Remy,

---

6 Embora essa seja a animação de maior bilheteria desta produtora, tal animação não foi aqui incluída por não tratar da relação humano-animal, mas sim de dilemas enfrentados pelos animais devido às mudanças climáticas.

protagonista em *Ratatouille*. Há praticamente um abismo de diferenças nas representações deles. (VIZACHRI, 2014, 7107). Randy Malamoud (2007) observa que, ao contrário dos animais representados antigamente, que eram motivos de chacotas, como porcos gagos e coiotes sem talento de caça, os de hoje são mostrados de forma bastante sofisticada, com uma aguçada sensibilidade ao seu *habitat* e ao seu ser. E isso pode ser reflexo de uma mudança cultural na nossa relação com eles.

Entretanto, apesar de ser muito comum nos dias atuais uma representação mais fiel dos animais, assim como a inclusão da temática da relação ética entre animal e humano nos roteiros das animações, isso não ocorre somente após o fomento da discussão sobre direitos animais, a partir da década de 1970. A animação *Bambi*, produzida em 1942, é um filme que retrata com fidelidade e sensibilidade os animais, trazendo questões relativas à ética. Tem como cerne da discussão a caça aos animais, sendo considerado um filme subversivo à época pelo *lobby* da caça, tanto que foi rotulado por caçadores como: “o pior insulto já oferecido, em qualquer forma, ao esportista americano” (BURT, 2002, p. 9, tradução livre do autor).

Todavia, apesar das animações do século XX já apresentarem discussões relativas à ética pelos animais, é fato que no século, XXI, vemos um aumento de filmes que trazem consigo essas questões, que têm se tornado até mais radicais. Os quatro filmes do século XX que tratam da ética animal são: *Dumbo*, que traz a temática do animal em circo usado para entretenimento, mostra alguns dos maus-tratos contra os animais de entretenimento, entretanto, o maior problema de *Dumbo* é o *bullying* que sofre devido ao tamanho de suas orelhas; *Bambi* foi considerado o mais radical, pois enfrentou o *lobby* da caça ao tratar de um veado que perde a mãe devido aos caçadores; *A dama e o vagabundo* discute a questão do animal de raça e dos sofrimentos dos animais que vivem nas ruas; *101 Dálmatas* trata da questão do uso de peles de animais. Já no século XXI, novas temáticas são incluídas, como o uso de animais para alimentação em *Fuga das Galinhas* e *Bee Movie*, a criação de peixes em aquário em *Procurando Nemo*, a busca da ciência em capturar os animais exóticos em *UP – altas aventuras*, o tráfico de animais selvagens em *Rio*, a perda de território dos animais em *Os sem-floresta*, a modificação genética em *Wallace e Gromit*, o retorno de animais criados em cativeiro a seu *habitat* original em *Madagascar*, como temos tratado os ratos, animais considerados pestes em *Ratatouille*, entre outros.

Portanto, apesar das animações já abordarem a ética no relacionamento entre humano e animal, tal tema se popularizou a partir de 1975, o que gerou alguns conflitos com relação à concordância e discordância das propostas. E os conflitos não existem simplesmente entre aqueles que defendem os direitos animais e os que não o defendem, mas também dentro do próprio movimento (VIZACHRI, 2014b, 72). As vertentes mais comuns são a bem-estarista e a abolicionista. Bem-estaristas é o grupo de pensadores originado após a publicação de

*Libertação Animal*, de Peter Singer, em 1975 – dentre eles o próprio Peter Singer –, que estabelece como princípio ético a diminuição do sofrimento do animal. Tal vertente se pauta no princípio da filosofia utilitarista<sup>7</sup>, que compreende a felicidade como o aumento de prazer e redução da dor. Logo, transferindo isso aos animais, poderíamos aumentar o bem-estar deles se reduzíssemos a dor. A outra corrente, abolicionista, se inspira no pensamento de Tom Regan defendido após a publicação de *The case of animals rights*, em 1985, para questionar o bem-estarismo. O argumento principal desta é que não adianta reduzir o sofrimento se o animal continuará sendo usado para fins que não servem aos seus próprios interesses. Portanto, não adianta reduzir o sofrimento se o fim será a morte ou, como diz o principal *slogan* dessa vertente: “Não queremos jaulas maiores, queremos jaulas vazias”.

Assim como na sociedade, as animações de longa metragem que tratam da questão dos direitos animais nem sempre concordam quanto às soluções apresentadas para o mesmo tipo de problema. Para exemplificar tais propostas, serão analisadas a seguir *Fuga das Galinhas* e *Bee Movie*, utilizando alguns elementos da semiótica greimasiana. O objetivo deste trabalho não é realizar uma análise fílmica dessas obras, mas evidenciar aspectos das representações sobre os conflitos envolvidos no consumo de animais. Para tal fim, utilizaremos alguns elementos da semiótica greimasiana, conforme elucidado por Chandler (2007, p. 223, tradução livre do autor): “A semiótica tem uma importante função sintetizadora, buscando a produção de significados e a representação de artefatos e práticas culturais de qualquer natureza, melhor contrapondo-se ao chauvinismo cultural e trazendo alguma coerência às teorias da comunicação e aos estudos culturais”, podendo ser usada para uma “variedade de fenômenos da cultura popular. Ela tem então ajudado a estimular um estudo sério da cultura popular.” (CHANDLER, 2007, p. 223, tradução livre do autor).

## Elementos metodológicos

Quando analisamos as animações, podemos seguir dois caminhos de análise: o plano figurativo, relativo ao que vemos de imediato, em que enxergamos a narrativa dos personagens animais; o plano temático, quando, ao analisarmos as animações, nos remetemos aos animais como metáforas para tratarmos de pessoas e nossas relações. Esta análise focará no primeiro método, que é compreender a

---

7 Jeremy Bentham, propositos da filosofia utilitarista, inspirará Singer ao sugerir que a capacidade de sofrimento é a característica principal capaz de conferir a cada ser o direito a igual consideração moral.



mensagem do plano figurativo, pois esta investigação trata de verificar a representação da temática dos direitos animais na animação, não o quanto os animais representam as relações humanas. Outras interpretações de *Fuga das Galinhas* observando as galinhas como metáfora de humanos em campos de concentração também são possíveis. Entretanto, a proposta deste artigo é compreender os retratos da ética humano-animal nas animações.

A ideia de que os animais são metaforicamente indispensáveis para a humanidade é atraente, porque propõe uma relação entre seres humanos e animais que não é necessariamente de exploração e também nos ajuda a refletir sobre aspectos próprios da nossa cultura. Mas é antropomórfica, pois atribui aos animais todo o tipo de características humanas. E os animais não podem ter sua imagem reduzida a uma simples metáfora porque a história que o animal carrega possui conotações específicas, particularmente ligadas a outras noções de ética e bem-estar (BURT, 2002, p. 30). Mesmo porque essa é a proposta deste trabalho: compreender o quanto a relação entre ética, animais e animações estão interligadas. Como Baker (2001, p. 138) afirma, as análises fílmicas, literárias ou de outras produções culturais que usam as figuras animais para representar suas histórias como simples metáforas de nossa sociedade, sem questionar a respeito dos animais em si e de nossa relação com eles, servem para reforçar a marginalização do animal, como se o estudo sobre ele fosse um campo menor de estudo que não merecesse nosso debruçar. Mais ainda, o olhar metafórico para todos os animais ajuda a sustentar o mito de que animais não podem ser vistos como pessoas, mas apenas como seres metafóricos, o que reforça a ideia de que o animal não tem uma vida digna de valor e interesse. Portanto, devemos olhá-los como algo maior da expressão de nossa cultura e da relação dela com a natureza e com os outros animais (VIZACHRI, 2014b).

A semiótica greimasiana permite observar e analisar os elementos ideológicos do discurso, e é a mais apropriada para a análise da narrativa através do percurso gerativo de sentido. O percurso gerativo de sentido hierarquiza o plano de conteúdo em três níveis, seguindo esta ordem: o discursivo, o narrativo e o fundamental. O nível discursivo é o nível mais concreto, nele são analisados o espaço, o tempo e os personagens, pois através deles é que a história terá mais sentido. Com relação ao espaço, uma mesma história ou filme pode apresentar mais de um ambiente. Cada espaço pode retratar algumas características e sentimentos, oferecendo mais realismo à história. O tempo também é analisado para oferecer concretude moral à narrativa. A caracterização dos personagens também é relevante para estudo, a fim de compreender quais traços de personalidade foram dados ao sujeito. Por exemplo, geralmente cores alegres são características de sujeitos “bons”, enquanto cores escuras e sombrias são utilizadas para caracterizar “maus” sujeitos. Já o nível narrativo analisa a trajetória do sujeito na narrativa da história. Nele,

sempre há um sujeito (o protagonista da história, que pode ser uma pessoa, um objeto ou um sentimento) e um objeto de valor a ser alcançado. O objeto de valor nem sempre é um objeto de fato, mas ele sempre representa alguns valores. Por exemplo, o objeto de valor do sujeito de uma história pode ser voar. Voar representa o valor da liberdade. O nível fundamental é o das oposições semânticas, isto é, onde verificamos a oposição fundamental dos valores expressos na narrativa. A oposição fundamental à liberdade é o aprisionamento. Durante uma narrativa, ambos os valores podem ou não ser negados e serem transformados em seu contrário. Esse percurso é passível de visualização através do quadrado semiótico. Assim, o quadrado semiótico nos permite analisar o nível fundamental relativo aos valores.

### ***Fuga das Galinhas, Bee Movie e a discussão sobre o consumo de animais.***

No plano figurativo, ambas as narrativas mostram dilemas relativos ao consumo de animais. *Fuga das Galinhas*, animação produzida pela DreamWorks, no ano 2000, retrata a vida de galinhas presas em uma granja. Cansadas de produzir ovos até o momento da degola, as galinhas resolvem escapar da granja em busca de uma vida livre, sem exploração. O filme mostra o conflito de interesses entre humanos exploradores e consumidores de animais – estes desejam expandir seus lucros, mesmo que a custo de outras vidas –, e animais como sujeitos-de-uma-vida (REGAN, 2006) – com interesse na vida independentemente de sua utilidade.

*Bee Movie* – também produzido pela DreamWorks, em 2007 – tem como manipulação do filme o drama de uma abelha aventureira ter de escolher uma única profissão para a vida inteira, ou seja, a abelha busca um lugar dentro da sociedade de abelhas. Em sua busca por aventuras, Barry B. Benson, abelha protagonista, faz amizade com uma humana, o que o leva a conhecer um novo mundo: o mundo humano. Nesta descoberta, durante uma excursão ao supermercado, encontra uma prateleira cheia de potes de mel, o que o faz questionar de onde vem o mel e quem o produziu. Durante a investigação, Barry encontra um apiário onde as abelhas são criadas de modo artificial para a produção de mel. Barry se horroriza e decide processar a raça humana pelos maus-tratos infringidos às abelhas.

Em seu enredo, *Bee Movie* apresenta diretamente a discussão acerca dos direitos animais: a possibilidade de relação amigável entre uma humana e um inseto; a defesa da vida da abelha pela humana; o questionamento humano “por que a vida da abelha vale menos que a humana?”; a afirmação de que toda vida tem valor e de que não podemos saber o que a abelha pode sentir; o ato de pegar

um currículo (valioso para o personagem coadjuvante), colocar a abelha em cima cuidadosamente e levá-la para fora da janela; e o auge dos direitos quando a abelha vence o processo contra a raça humana e tem todas suas exigências aceitas.

*Fuga das Galinhas* não apresenta diretamente o debate acerca dos direitos animais, uma vez que direitos pressupõe algo concedido por humanos e, no filme, todos os humanos são vilões. Entretanto, apresentam um conceito caro aos direitos animais, que é a possibilidade de os animais serem reconhecidos como sujeitos-de-uma-vida. Tom Regan, no livro *Jaulas Vazias* (2006), apresenta o conceito de animais como sujeitos-de-uma-vida que entende os animais como conscientes de sua vida, desejando tanto a vida quanto um ser humano. No longa, as galinhas desejam tanto a vida que se recusam a trabalhar como produtoras de ovos. Elas são capazes de questionar a possibilidade de vida além da cerca e desejá-la. Desejam tanto escapar quanto um ser humano deseja e quanto os animais de utilidade desejam quando tentam escapar do caminho do cativeiro.

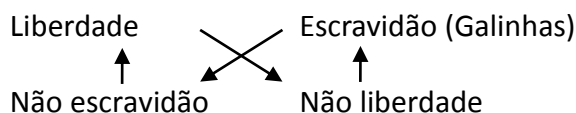
Em *Fuga das Galinhas*, todos os humanos são vilões, inclusive os cachorros – dada sua proximidade com humanos, o que difere de filmes anteriores, nos quais cachorros são sempre amigáveis. Quando não falam diretamente com humanos, falam entre si, de modo a fazer o espectador ouvi-lo e compreendê-lo. Na análise de Hirschman e Sanders (1997), são analisados dez filmes de longa-metragem que tratam sobre animações e estabelecem cinco categorias de animais que aparecem frequentemente nesses filmes. A categoria animais de utilidade (fazenda) é relativa aos animais domesticados, mas que não são de companhia, pois são usados para alimentos ou serviços. Animais dessa categoria raramente falam com *pets*, mas nunca com humanos. São menos humanizados, pois seu *status* de objeto dificulta a metáfora para humanos. Em *Fuga das Galinhas* essa lógica é invertida: as galinhas são providas de valores humanos e os cães e humanos são desprovidos de humanidade, pois são os vilões. Isto porque os cães são coadjuvantes dos humanos, usados como instrumento humano para manter as galinhas presas.

Em *Bee Movie*, a relação dos animais com humanos é diferente. Há humanos bons, ruins e medianos. Humanos bons são aqueles capazes de compreender os animais e defendê-los. Medianos são os incapazes de compreender porque sua vida é tão valiosa quanto a de uma abelha. Humanos ruins são os exploradores dos animais. Já entre os animais, todos são bons, não há vilão. Todos são capazes de falar, inclusive os insetos, que geralmente são os menos capazes de causar empatia humana. Capacidade de fala, quando dada aos animais, tem a função de provocar empatia e possibilidade de compreensão do espectador. É uma maneira de nos colocar no lugar do outro.

*Bee Movie* conclui sua história quando Barry B. Benson encontra sua profissão, que é trabalhar com humanos no campo do Direito. Dado o sucesso do seu processo contra a humanidade, Barry vira advogado. Enquanto está em seu escri-

tório, Barry recebe uma vaca como cliente que decide processar a raça humana devido à exploração dos produtos lácteos. Barry acha piada e considera a vaca ingênua, afinal Barry aprendeu a “moral” do filme: há uma “lei natural” que rege a relação entre humanos e animais a qual autoriza os humanos a se apropriarem de produtos animais, caso isso não ocorra, haverá desequilíbrio na natureza.

Já para as galinhas, em *Fuga das Galinhas*, a única solução para a almejada liberdade é viver longe de humanos em uma ilha isolada, o que não causaria nenhum desequilíbrio na sociedade. Se usarmos o quadrado semiótico (figura 1) para analisarmos *Fuga das galinhas*, por exemplo, vemos que a escravização do animal escraviza também o dono. No filme há oposição clara entre liberdade e escravidão. As galinhas vivem em condição análoga à escrava, mas quando negam tal condição almejando a liberdade, conquistam-na. Por outro lado, os donos da granja insistem na escravização das galinhas e, estando livres, negam sua liberdade ao quererem a escravização do outro (galinha), tornando-se assim escravos da ganância. Tal situação é representada no final do filme, após as galinhas conseguirem alçar voo, quando a dona da granja cai em cima da própria máquina que fabricava tortas de frango, implodindo-a. A dona da granja é presa pela própria armadilha que ela criou.



**Figura 1** – Quadrado Semiótico

Fonte: os autores

*Bee Movie* apresenta claramente a recente discussão acerca dos direitos animais. Porém, não a defende e tenta naturalizar o consumo de animais. No final, quando a vaca também decide processar a humanidade devido à exploração de seus produtos lácteos, Barry faz pouco caso, como se fosse algo inútil. O filme reforça a ideia de que animais foram feitos para servir a humanidade e que há um possível equilíbrio nisso. Portanto, ratifica a possibilidade do uso de produtos de origem animal, entretanto, desde que as abelhas sejam bem tratadas, o que está de acordo com a proposta bem-estarista.

*Fuga das Galinhas* é mais ousado quando pensa na possibilidade de questionamento pelos animais de sua condição e a possibilidade de se libertarem desta. Entretanto, não ratifica o consumo de produtos de origem animal, estando de acordo com a visão abolicionista.

## Considerações finais

Apesar de algumas animações de longa metragem do século XX já abordarem o tema dos direitos animais, é no século XXI que seu número aumenta, ganhando tanto destaque que figuram entre as animações que arrecadam maior bilheteria. Além do aumento quantitativo, também ocorreu o aumento qualitativo, como assinalado neste trabalho. As animações passam a incluir uma ampla variedade de temas relacionados à esfera dos direitos animais, e também a retratar os animais de forma mais fidedigna. Isso está diretamente relacionado com as questões levantadas pelos pensadores da área. Uma das primeiras propostas práticas de direitos animais foi banir a caça, por Henry Salt, mesmo tema apresentado em *Bambi*, primeira animação a tratar do assunto. A discussão sobre o uso de animais para alimentação ganha fôlego em 1975, com a publicação de *Libertação Animal*, por Peter Singer, e só a partir de 2000 é que vemos tal discussão nas telas em animações de longa-metragem. Isso porque, além de acompanhar o pensamento da época, a animação precisa tratar de questões populares para serem compreendidas e aceitas. Quanto mais a discussão se populariza, mais as mídias tratam do tema. Essas abordagens estão diretamente ligadas com as lutas ideológicas que ocorrem na sociedade, como afirmou Douglas Kellner (2001, p. 54).

*Fuga das Galinhas* e *Bee Movie* representam a discussão ética em torno do consumo de animais e dão soluções distintas a esse dilema que nossa sociedade vive. Tais filmes tornaram-se parte importante de nossa produção e consumo narrativo na cultura, eles não só representam dilemas éticos, como também apresentam soluções para tais problemas, mesmo que sejam imaginárias. São veículos que carregam significados do que é e de como deveria ser o humano.

## Referências

- 101 DÁLMATAS. Direção: Stephen Herek: Disney, 1996. 1 DVD (103 min).
- 102 DÁLMATAS. Direção: Kevin Lim. Disney, 2000. 1 DVD (100 min).
- A DAMA e o vagabundo. Direção: Clyde Geronimi, Wilfred Jackson, Hamilton Luske: Disney, 1955. 1 DVD (75 min).
- ADORNO, T. Indústria Cultural. In: **Dialética do Esclarecimento**. São Paulo: Zahar, 1985.
- A ERA do gelo. Direção: Carlos Saldanha, Chris Wedge: Blue Sky, 2002. 1 DVD (81 min).
- ARISTOGATOS. Direção: Wolfgang Reitherman: Disney, 1970. 1 DVD (78 min).

AS AVENTURAS de Bernardo e Bianca. Direção: Wolfgang Reitherman, John Lounsbury, Art Stevens: Disney, 1977. 1 DVD (77 min).

BAMBI. Direção: James Algar, Bill Roberts, Norman Wright, David Hand, Samuel Armstrong, Paul Satterfield, Graham Heid: Disney, 1942. 1 DVD (70 min).

BAMBI 2. Direção: Brian Pimental: Disney, 2006. 1 DVD (72 min).

BAKER, S. **Picturing the beast**. Chicago: University of Illinois, 2001.

BEE Movie. Direção: Simon J. Smith, Steve Hickner: Dreamworks, 2007. 1 DVD (95 min).

BENTHAM, J. Uma introdução aos princípios da moral e da legislação. São Paulo: Abril Cultural, 1979. Coleção Os Pensadores.

BERGER, J. **Why look at animals?** London: Penguin Books, 2009.

BURT, J. **Animals in film**. London: Reaktion books, 2002.

BOLT. Direção: Christopher Williams, Byron Howard: Disney, 2008. 1 DVD (97 min).

CHANDLER, D. **The basics semiotics**. 2. ed. New York: Taylor and Francis, 2007.

DENIS, S. **O cinema de animação**. Lisboa: Texto & Grafia, 2010.

DUMBO. Direção: Norman Ferguson, Wilfred Jackson, Ben Sharpsteen, Bill Roberts, Samuel Armstrong, Jack Kinney, John Elliott: Disney, 1941. 1 DVD (64 min).

FRANCIONE, G. L. **Animals, Property and the Law**. Philadelphia: Temple University Press, 1995.

FUGA das Galinhas. Direção: Nick Park, Peter Lord: DreamWorks, 2000. 1 DVD (84 min).

IRMÃO urso. Direção: Aaron Blaise, Robert A. Walker: Disney, 2003. 1 DVD (83 Min).

KELLNER, D. **A cultura da mídia**. Bauru: Edusc, 2001.

KINDEL, E. A. I. **A natureza do desenho animado**: ensinando sobre o homem, mulher, raça, etnia e outras coisas mais. 195 f. Tese (doutorado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação, Rio Grande do Sul, 2003.

MADAGASCAR. Direção: Tom McGrath, Eric Darnell: DreamWorks, 2005. 1 DVD (86 min).

MADAGASCAR 2. Direção: Eric Darnell, Tom McGrath: Dreamworks, 2008. 1 DVD (89 min).

MADAGASCAR 3. Direção: Eric Darnell, Tom McGrath, Conrad Vernon: Dreamworks, 2012. 1 DVD (93 min).

MALAMOUD, R. Animal Animated Discourse. In: **The Chronicle of Higher Education**. October 19, 2007.

- MOGLI, o menino lobo 2. Direção: Steve Trenbirth: Disney, 2003. 1 DVD (72 min).
- MURRAY, R. L.; HEUMANN, J. K. **That's all folks?** Ecocritical readings of American animated features. Lincoln: University of Nebraska Press, 2011.
- NEM que a vaca tussa. Direção: Will Finn, John Sanford: Disney, 2004. 1 DVD (76 min).
- O ESPANTA tubarões. Direção: Rob Letterman, Vicky Jenson, Bibo Bergeron: Dreamworks, 2004. 1 DVD (90 min).
- O REI leão. Direção: Rob Minkoff, Roger Allers: Disney, 1994. 1 DVD (89 min).
- OS SEM-floresta. Direção: Tim Johnson, Karey Kirkpatrick: Dreamworks, 2006. 1 DVD (85 min).
- POR água abaixo. Direção: Sam Fell, David Bowers: Dreamworks, 2006. 1 DVD (85 min).
- PROCURANDO Nemo. Direção: Andrew Stanton, Lee Unkrich: Disney, 2003. 1 DVD (100 min).
- RATATOUILLE. Direção: Brad Bird, Jan Pinkava: Pixar, 2007. 1 DVD (111 min).
- RIO. Direção: Carlos Saldanha: Blue Sky, 2011. 1 DVD (96 min).
- REGAN, T. **Jaulas Vazias**: encarando o desafio dos direitos animais. Porto Alegre: Lugano, 2006.
- REGAN, T. The case for animals rights. In: SINGER, P. (ed.). **In defense of animals**. New York: Basil Blackwell, 1985, p. 13-26.
- RYDER, R. All beings that feel pain deserve human rights. **The Guardian**, UK, 6 ago. 2005. Disponível em: <<http://www.theguardian.com/uk/2005/ago/06/animalwelfare>>.
- SELVAGEM. Direção: Steve Williams: Disney, 2006. 1 DVD (82 min).
- SHREK 2. Direção: Andrew Adamson, Conrad Vernon, Kelly Asbury: Dreamworks, 2004. 1 DVD (93 min).
- SPIRIT - o corcel indomável. Direção: Kelly Asbury, Lorna Cook: Disney: 2002. 1 DVD (83 min).
- SINGER, P. **Libertação animal**. Porto Alegre; São Paulo: Lugano, 2004.
- SUPPIA, A. L. P. O.; MEDEIROS, P. Com o foco nos animais para melhor apreender o mundo. **Cienc. Cult.** São Paulo, v. 6, n. 3, 2011.
- TOY Story. Direção: John Lasseter: Pixar, 1995. 1 DVD (80 min).

UNESCO. **Declaração Universal dos Direitos Animais**. Bruxelas, 1978. Disponível em: <<http://www.propq.ufscar.br/comissoes-de-etica/comissao-de-etica-na-experimentacao-animais/direitos>>.

UP - Altas aventuras. Direção: Bob Peterson, Pete Docter: Pixar, 2009. 1 DVD (96 min).

VIDA de inseto. Direção: John Lasseter, Andrew Stanton: Disney/Pixar, 1998. 1 DVD (96 min).

VIZACHRI, T. R. De Mickey a Ratatouille: a antropomorfização dos animais nas animações de longa-metragem. **Revista da SBEnBIO**. São Paulo, n. 7, 2014(a).

VIZACHRI, T. R. **Animais humanos ou humanos animais?** Um estudo sobre a representação dos animais antropomorfizados em cultura. 137 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Programa de Pós-Graduação em Estudos Culturais, Escola de Artes, Ciências e Humanidades, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014(b).

WALLACE e Gromit – a batalha dos vegetais. Direção: Nick Park, Steve Box: Dreamworks, 2005. 1 DVD (85 min).

Recebido: 08/06/15

*Received:* 08/06/15

Aprovado: 12/07/15

*Approved:* 12/07/15